

A LINGUAGEM AUDIOVISUAL EM AULAS DE LINGUAGENS MEDIADAS PELA TECNOLOGIA DA VIDEOCONFERÊNCIA

Naziozênio Antonio Lacerda (UFPI)

nlacerda@ufpi.edu.br

Maria Thaís Monte da Silva (UFPI)

mariathaismonte@hotmail.com

Maria Araújo de Sousa (UFPI)

maria_brandao@hotmail.com.br

Introdução

São vários tipos de linguagem que o homem lança mão para atingir o auge da compreensão na comunicação. Para uma boa compreensão, é necessário utilizar-se de ferramentas tecnológicas para transmitir o conhecimento e ao mesmo tempo receber ou expor ideias relacionadas ao conhecimento de mundo.

Na sociedade atual, o contato com os recursos audiovisuais está mais frequente e indispensável. O homem, ao nascer, já é alfabetizado por meio de recursos audiovisuais, principalmente quando entra em contato face a face com a televisão, na qual assiste a desenhos e ouve as fala dos personagens, ou seja, além de ver a imagem, a criança pode ouvir e ver o conteúdo apresentado.

Vivemos em tempo de modernidades em que as tecnologias são uma ferramenta indispensável para a socialização do ser humano. Sendo assim, a educação procura meios mais atrativos dentro de um leque de ferramentas audiovisuais para que o ensino também se modernize e possa chegar a lugares onde a educação básica ainda não é acessível.

O uso das tecnologias na educação tem sido motivo de discussão em todo o mundo. Utilizar a mídia com fins educacionais constitui-se em um poderoso instrumento na democratização do saber, principalmente, no Brasil, onde as distâncias geográficas são agravantes na operacionalização das políticas educacionais.

O Programa Mais Saber foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) e implantado pelo Governo do Estado do Piauí por meio da Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC), com intuito de diminuir a evasão dos alunos nas escolas. Por conseguinte, visa melhorar a qualidade do ensino nas escolas que enfrentam dificuldades para o acesso e permanência de jovens aptos a matricular-se no Ensino Médio regular. O programa em apreço se expande por todo o território piauiense, abrangendo 157 municípios com pontos de recepção bem equipados. A TV Antares, sediada em Teresina-Piauí, é responsável por manter transmissão das aulas para esses municípios.

No Programa Mais Saber, os professores são preparados e qualificados para ministrar aulas por mediação tecnológica da videoconferência, utilizando a linguagem audiovisual. A mediação tecnológica por meio de videoconferência exige dos professores competências comunicativas para atuar em um ambiente midiático, a fim de tornar as aulas de Linguagens mais dinâmicas e atrativas para os alunos.

O objetivo deste estudo é analisar a linguagem audiovisual utilizada em videoconferências nas aulas de Linguagens (incluindo Gramática ou Língua Portuguesa, Literatura e Redação) para o Ensino Médio do Programa Mais Saber.

A metodologia desta pesquisa consta de pesquisa bibliográfica para aprofundamento de questões teóricas relacionadas à linguagem audiovisual; 04 (quatro) visitas ao estúdio da TV Antares para presenciarmos *in loco* a produção e a transmissão das aulas de Linguagens para o Ensino Médio e analisarmos a linguagem audiovisual utilizada pelos professores; e

pesquisa de campo nos pontos de recepção das aulas situados em diferentes zonas da capital piauiense para realizar entrevistas por meio de roteiro de entrevista estruturada ou padronizada, contando com a participação espontânea de 15 (quinze) alunos matriculados.

Abordamos a linguagem audiovisual mediante a transposição de estudos sobre a linguagem cinematográfica e telejornalística para a linguagem audiovisual da videoconferência, com fundamentação teórica em Almeida (2004), Coutinho (2006), Cruz (2008), Garcia (2014) e Rezende (2000).

Estruturamos a abordagem sobre a linguagem audiovisual em três seções. Na primeira seção, focalizamos a videoconferência e a linguagem audiovisual. Na segunda seção, apresentamos a linguagem audiovisual como uma junção de elementos, constituindo três tipos de linguagens: a verbal, a visual e a sonora. E na terceira seção, discutimos os resultados obtidos na pesquisa de campo sobre a compreensão e a interação da linguagem audiovisual na videoconferência das aulas de Linguagens do Programa Mais Saber.

1. Videoconferência e linguagem audiovisual

Com a evolução das tecnologias da informação, a realidade no processo de ensino e aprendizagem está adquirindo novos caminhos, ou seja, para o conhecimento chegar aos lugares mais remotos, as entidades adotam novas ferramentas de comunicação, como, por exemplo, a mediação tecnológica por videoconferência. Em termos de aproximação entre o professor e aluno, o ensino mediado pela tecnologia da videoconferência se aproxima mais do ensino convencional, possibilitando a presença do professor e do aluno em tempo real, por meio de interações que ocorrem todo momento.

A videoconferência é uma ferramenta que permite que grupos distantes e distintos se comuniquem “face a face”, recriando uma interação mesmo em lugares remotos, isto só pode acontecer através de sinais de áudio e vídeo (BAHIA, 2006). Sendo assim, possibilita ao professor recursos ou equipamentos para criar um ambiente de sala convencional, ou seja, como se os alunos tivessem presencialmente no mesmo lugar.

Neste sentido, as escolas, de um modo geral, buscam nas tecnologias recursos para melhorar o ambiente monótono das salas de aulas, sendo possível então, o conhecimento de mundo ou de diversas culturas serem compartilhados pelos alunos de diversos lugares.

Coutinho aborda essa busca da educação e a escola por novas tecnologias quando afirma que:

A educação, como prática social, e a escola, como o lugar onde a educação acontece de maneira sistematizada, sempre buscaram nas tecnologias disponíveis recursos que pudessem dar a educação certa qualidade e consistência, seja utilização da lousa ao computador. O uso de audiovisuais, como câmaras, projetores, telas, faz que configure a área “tecnologia educacional” em nosso país. (COUTINHO, 2006, p. 29).

Para que a mediação ocorra com eficácia é necessária a utilização de algumas ferramentas tecnológicas. Ou seja, o sistema da videoconferência engloba uma estrutura de telecomunicações, *hardwares* e *softwares*, que gerencia a transmissão, via satélite e/ou circuitos, para múltiplos usuários. Por ele, podemos acessar e gerar informações para a videoconferência, simpósio, *chats*, *e-mail*, visualização coletiva de um único aplicativo (*screen capture*) para transmissão (*streaming*) de áudio e vídeo. Tudo isso acontece simultaneamente e em tempo real, através de canais exclusivos de comunicação. (PIAUI, s/d, p. 23).

Hoje, em tempos pós-modernos, ou melhor, na era digital, os componentes utilizados para a mediação tecnológica por videoconferência compreendem: câmara de vídeo,

microfones, projetor ou televisão, conectados através de programas especializados, uma conexão via satélite ou por meio de internet. Portanto, podemos considerar a possibilidade de um ambiente colaborativo e cooperativo, existindo entre ambas as partes interação recíproca.

Quanto ao papel do docente na videoconferência em educação a distância, devemos levar em consideração que:

Se na escola tradicional ele pode escolher “enriquecer” sua aula com a incorporação da nova lógica que a mídia traz, na educação a distância por videoconferência ele está “imerso” no meio televisivo. Este lugar é virtual, pois permite a interação ao mesmo tempo presencial – onde de fato estão os participantes, em suas salas audiovisuais, tácteis e olfativas – e é midiático – pois a comunicação é audiovisual e acontece no ciberespaço [...]. (CRUZ, 2008, p. 204).

Seguindo a linha de pensamento da autora, para se tornar um professor comunicador, o docente precisa desenvolver competências de uma nova linguagem midiática para adequar-se às características do meio televisivo e, ao mesmo tempo, tornar-se um produtor/usuário/mediador. Se a aula pela videoconferência acontece através de uma interação mediada, por meio de instrumentos técnicos que a compõem e que a vão configurar, são justamente suas limitações e possibilidades que definirão o modo como a comunicação irá ocorrer. Dessa maneira, o que ocorre na educação a distância por videoconferência é uma “mídiatização” da sala de aula, pois o meio técnico deixa de ser apenas um recurso adicional e passa a ser o próprio ambiente/interface no qual essa aula pode existir (CRUZ, 2008).

Em nossos estudos, constatamos que há diferença na linguagem audiovisual utilizada na videoconferência em educação a distância e na videoconferência em educação mediada pela tecnologia. Na educação a distância, a linguagem audiovisual passa a ser utilizada como tentativa de fugir, ao máximo, do formato da modalidade presencial:

Lutar para criar e produzir produtos audiovisuais que usem plenamente a linguagem audiovisual, fugindo do esquema expositivo/sala de aula e procurando uma estética narrativa/mundo. Estes produtos não vão substituir o professor, e sim apoiá-lo decisivamente no processo de Educação a Distância, proporcionando exemplos do mundo “lá de fora”, enriquecendo visualmente os conteúdos, fornecendo imagens e sons capazes de tornar a aula muito mais interessante (GERBASE, 2006, p.5).

De outro modo, na educação mediada pela tecnologia, a linguagem audiovisual utilizada nas aulas ministradas por meio de videoconferência procura se aproximar, ao máximo possível, da linguagem usada na sala de aula convencional.

2. Linguagem audiovisual: junção de elementos

A linguagem audiovisual não é exclusiva da videoconferência. Aliás, reconhecemos que a linguagem audiovisual é mais característica do cinema, do vídeo e da televisão. Quando levamos em consideração que a linguagem audiovisual é a linguagem utilizada na videoconferência, na verdade estamos fazendo uma transposição da linguagem cinematográfica ou telejornalística para a linguagem das aulas ministradas por meio da mediação tecnológica.

Quanto à constituição da linguagem audiovisual, não há um consenso entre os estudiosos. Há autores (ALMEIDA, 2004; COUTINHO, 2006) que têm uma posição muito próxima à denominação “audiovisual”, afirmando que a linguagem audiovisual, como o

próprio nome sugere, é composta por outros dois tipos de linguagens: a visual e a sonora. Por outro lado, existem autores (REZENDE, 2000; GARCIA, 2014) que vão mais além e defendem que a linguagem audiovisual é composta por três tipos de linguagens: a verbal, a visual e a sonora.

Para Coutinho (2006), “a linguagem audiovisual é feita da junção de elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais” (p. 16). Segundo a autora, esses elementos são artefatos da cultura que afetam dois sentidos do homem: a visão e a audição, que são os mais privilegiados no mundo moderno.

Seguindo a linha de que a linguagem audiovisual é composta por dois elementos, Almeida faz considerações importantes sobre a combinação imagens-sons:

A transmissão eletrônica de informações em imagem-som propõe uma maneira diferente de inteligibilidade, sabedoria e conhecimento, como se devêssemos acordar algo adormecido em nosso cérebro para entendermos o mundo atual, não só pelo conhecimento fonético-silábico das nossas línguas, mas pelas imagens-sons também (ALMEIDA, 2004, p. 16).

A transmissão de informações por imagens e sons se tornou uma maneira de associar o conteúdo lido com o esquema de imagens ou representações visuais, ou seja, para armazenar uma informação é necessário uma imagem e um som, isto é, para que o cérebro consiga entender a mensagem decodificada.

Ao estudar a linguagem audiovisual na construção da mensagem telejornalística, Garcia (2014) afirma que, “na televisão, três linguagens se fundem para produção de uma única mensagem: a linguagem verbal, a linguagem visual e a linguagem sonora” (p. 2).

Nessa pesquisa, levamos em consideração que a linguagem audiovisual é a soma de três linguagens. Então, não devemos supervalorizar uma e subestimar as demais. Precisamos admitir que as linguagens se solidificam em uma relação de total dependência. Dessa forma, cada linguagem tem a sua função (GARCIA, 2014).

A linguagem verbal é a que se utiliza da palavra, nas modalidades oral (ou falada) e escrita. Nesta pesquisa, adotamos a concepção de linguagem como forma ou processo de interação em que o indivíduo procura realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor) (TRAVAGLIA, 2000).

Para Garcia (2014), referindo-se à linguagem telejornalística, a função da palavra é contextualizar a imagem, complementando dados e informações que não podem ser compreendidas apenas através da imagem. A autora ainda enfatiza que “o papel da palavra é enriquecer a linguagem visual sem tentar competir com ela, já que a imagem se propõe na televisão como linguagem principal” (p. 5).

Todavia, em nosso trabalho, a linguagem verbal é levada a efeito como um lugar de interação humana e de interação comunicativa entre interlocutores.

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem (BAKHTIN, 1986, p. 123).

A linguagem visual é uma das formas de comunicação mais antigas utilizadas pelo homem de maneira intuitiva, como provam as inscrições encontradas em sítios arqueológicos da pré-história. Constituída pela composição dos elementos que compõem o nosso campo visual, descritos como ambiente ou cenário, inclui o local onde a situação está inserida,

mobiliários, objetos e figuras humanas. As cores, formas, posição dos elementos no ambiente e iluminação também determinam a mensagem.

Pelo exposto, fica evidente que o código icônico está associado à percepção visual, pois é através da visão que podemos perceber e decifrar a informação visual. De acordo com Rezende, essa forma de recepção da imagem caracteriza a mensagem televisiva como multidimensional quanto à forma e multissensorial em relação aos sentidos:

A mensagem televisiva multidimensional e multidirecional tende a atuar com mais intensidade sobre o receptor, repercutindo quase que diretamente em sua afetividade, sem passar pela mediação do intelecto. Na comunicação audiovisual, portanto, registra-se o predomínio da sensação sobre a consciência, dos valores emocionais sobre os racionais. (REZENDE, 2000, p. 40)

A linguagem sonora é constituída por diferentes formas de manifestação, captação ou produção de sons, incluindo ruídos, efeitos sonoros ou composições musicais que informam sobre o ambiente, espaço, tempo e/ou sentimentos de uma situação, sem o uso da palavra, ou combinados com a linguagem verbal.

Esses sons, ruídos e músicas colaboram com o ritmo da mensagem e aumentam o grau de realismo do conteúdo veiculado.

Quanto ao código sonoro, relativo à música e aos efeitos sonoros, os signos se manifestam também isolados ou como parte de uma montagem. Esses signos se diferenciam em dois tipos: os sons que denotam a si mesmos (uma vinheta sonora) e os que reproduzem ruídos da realidade (um latido, o disparo de uma arma). (REZENDE, 2000, p. 39).

Na comunicação, a linguagem sonora atua como uma fonte de informação para o telespectador que, a partir do que a fonte de informação diz, pode perceber sua postura, opinião e intenção.

Neste trabalho, não temos o objetivo de hierarquizar as linguagens que formam a linguagem audiovisual. No entanto, precisamos afirmar que nas aulas mediadas pela tecnologia da videoconferência, ministradas no Programa Mais Saber, predomina o uso da linguagem verbal, diferentemente do que ocorre no cinema, no vídeo e na televisão, quando lhe é atribuído um papel secundário.

3. A linguagem audiovisual nas aulas do Programa Mais Saber

Em nossa pesquisa de campo, investigamos dois aspectos da linguagem audiovisual utilizada nas aulas de Linguagens do Programa Mais Saber: a compreensão e a interação.

A linguagem é um fator indispensável para um bom entendimento das aulas ministradas em qualquer modalidade de ensino. No caso do Programa Mais Saber, a linguagem utilizada pelo professor nas aulas mediadas pela tecnologia da videoconferência é a audiovisual, considerada por Coutinho (2006) a que mais se aproxima dos ambientes de sala de aula convencional.

Para sabermos sobre a compreensão da linguagem usada pelos professores durante as aulas, formulamos a seguinte pergunta aos alunos: “A linguagem usada pelo professor durante as aulas de Linguagens (incluindo Gramática ou Língua Portuguesa, Literatura e Redação) mediadas pela tecnologia da videoconferência no Programa Mais Saber é: incompreensível; muito complicada e prejudica a compreensão; de difícil compreensão; ou de fácil compreensão?”.

Com base nas respostas dos alunos relativas à compreensão da linguagem audiovisual utilizada pelos professores, constatamos que 80% dos entrevistados consideram que a linguagem é de fácil compreensão. Apenas 20% dos alunos entrevistados opinaram que a linguagem é de difícil compreensão. Para as situações de “muito complicada e prejudica a compreensão” e “incompreensível” não tivemos respostas, conforme dados apresentados no Gráfico 1.

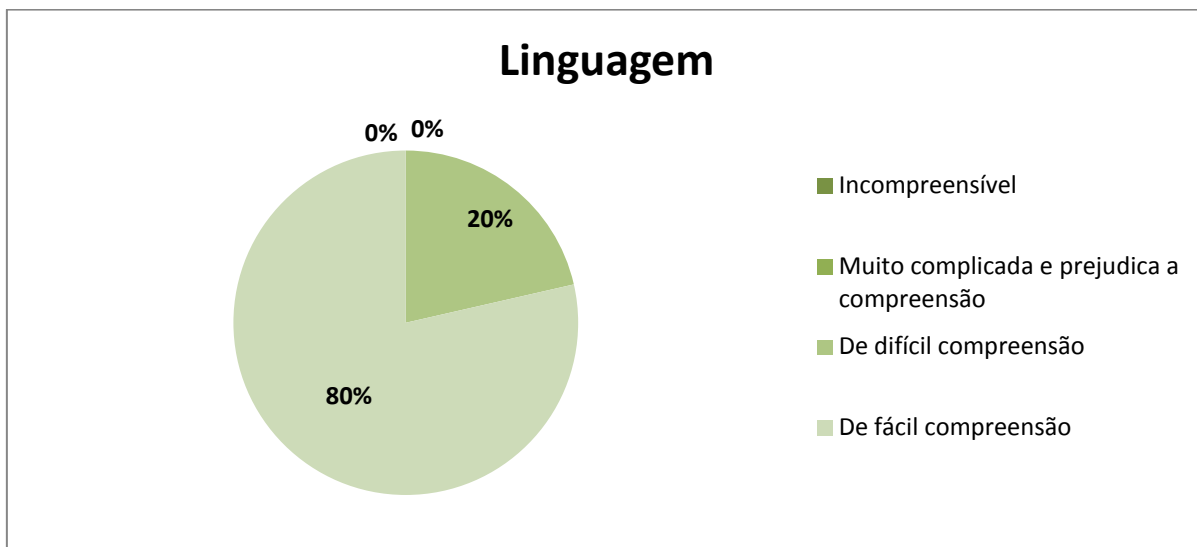


Gráfico 1 – Compreensão da linguagem usada pelo professor

Em nossa análise, a grande maioria dos alunos entrevistados considera a linguagem audiovisual da videoconferência como sendo de fácil compreensão porque esse tipo de linguagem faz parte do seu cotidiano. A esse respeito, Coutinho (2006, p. 20) afirma que “a linguagem audiovisual nos é familiar, corriqueira, comum”.

Ainda sobre a presença da linguagem audiovisual no dia a dia dos alunos, podemos considerar que depois da televisão se popularizar como meio de comunicação de massa no Brasil, também passou a fazer parte do cotidiano das escolas e a estabelecer a linguagem audiovisual como rotina no cotidiano e no currículo dos espaços educacionais. Desde desenhos, propagandas até os clássicos filmes infantis, as crianças têm tido acesso a essa linguagem que encanta e seduz por sua complexa composição que pode reunir em um mesmo momento som, imagem e movimento (BERLE; MURILLO, 2011).

Os alunos que consideram a linguagem audiovisual como sendo de difícil compreensão, atingindo o percentual de 20%, optaram por essa situação devido a fatores de ordem técnica, justificando que, às vezes, os professores falam rapidamente ou ainda por causa da existência de possíveis ruídos de interferência no áudio da TV nos pontos de recepção da videoconferência.

Outro aspecto importante da linguagem audiovisual utilizada em aulas mediadas pela tecnologia da videoconferência é a interação entre professores e alunos. Para pesquisarmos sobre a interação, lançamos a seguinte pergunta: “A interação do professor com os alunos durante as aulas de Linguagens (incluindo Gramática ou Língua Portuguesa, Literatura e Redação) mediadas pela tecnologia da videoconferência no Programa Mais Saber é: ótima; boa; regular; ou ruim?”

Observamos que 66,67% dos alunos entrevistados consideram a interação ótima. Em seguida, notamos que 20% avaliam a interação como sendo boa; depois verificamos que

apenas 13,33% entendem que a interação é regular; e não tivemos respostas para a interação “ruim”, cujos dados apresentamos no Gráfico 2.

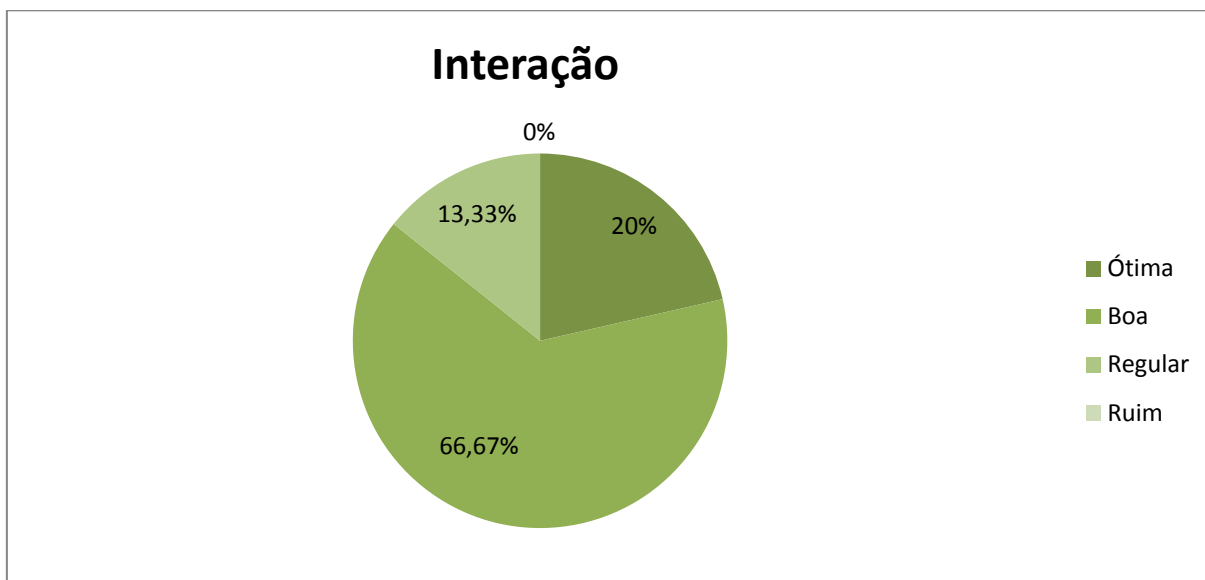


Gráfico 2 – Interação dos professores com os alunos

Para os alunos entrevistados que consideram a utilização da linguagem audiovisual com uma interação ótima entre professores e alunos, o mundo não é mais percebido de uma só maneira, mas através de imagens, sons e palavras que integram o ambiente midiático da videoconferência.

Em relação aos alunos que avaliam a interação boa, observamos que eles justificam essa opção alegando que, às vezes, o professor demora muito tempo para responder as perguntas formuladas pelos alunos, uma vez que são muitos pontos de recepção participando ao mesmo tempo.

Quanto aos alunos que entendem a interação como sendo regular, notamos que tal posicionamento deve-se ao fato de, às vezes, o professor ter a preocupação de responder perguntas que chegam a todo instante de forma muito rápida através de mensagem proveniente de diferentes pontos de recepção, e acaba não completando o raciocínio que estava desenvolvendo na explicação do tema da aula.

Observamos que a utilização da linguagem audiovisual no ambiente midiático da videoconferência requer muita atenção dos alunos para que ocorra a sua compreensão, e, ao mesmo tempo, requer interação. São muitas as dúvidas que podem surgir no decorrer de uma aula mediada pela tecnologia da videoconferência. Por isso, várias mensagens são enviadas para o professor de forma acelerada, podendo até interromper o seu raciocínio para responder uma pergunta, quebrando a sequência da explicação que estava sendo dada sobre o conteúdo abordado e afetando a compreensão da linguagem e a interação entre professor e alunos.

Conclusão

No processo de ensino e aprendizagem, o uso da linguagem audiovisual é importante para que o aluno desenvolva a capacidade de compreender o mundo sob diversas formas, por meio de imagens, sons e palavras.

Nas aulas de Linguagens do Programa Mais Saber, de acordo com os resultados deste estudo, constatamos que a linguagem audiovisual utilizada no ambiente midiático de videoconferência é acessível e de fácil compreensão, além de promover a interação entre professores e alunos.

Observamos que a linguagem audiovisual usada na videoconferência nas aulas de Linguagens é familiar aos professores e aos alunos porque integram o cotidiano de ambos os segmentos, pelo fato de ser do conhecimento de todos principalmente em consequência do seu uso pela televisão.

Em nossa pesquisa, notamos que a linguagem audiovisual é um conjunto integrado de imagem, som e palavra, que funciona de forma conjugada, ampliando-se em um processo de convergência tecnológica com efeitos midiáticos, que vai se construindo continuamente em novas formas de uso.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Milton José. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção questões da nossa época; v. 32)
- BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Instituto Anísio Teixeira. *Manual de videoconferência*. Salvador: IAT, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BERLE, Simone; MURILLO, Márcia Vilma. A linguagem audiovisual como prática escolar. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p. 422-439, jul.-dez. 2011.
- COUTINHO, Laura Maria. *Audiovisuais: arte, técnica e linguagem*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. (Profucionário – Curso técnico de formação para os funcionários da educação).
- CRUZ, Dulce Maria. A construção do professor midiático: o docente comunicador na educação a distância por videoconferência. *Caderno de Educação*. Pelotas. UFPEL, v.30, jan./jun. 2008. p. 201-214.
- GARCIA, Letícia Afonso Rosa. *O processo de construção da mensagem telejornalística em sala de aula: palavra, som e imagem*. Disponível em: [http://www.fnpij.org.br/dados/grupos/o-processo-de-construcao-da-mensagem-telejornalistica-em-sala-de-aula-palavrasom-e-imagem\[60\].pdf](http://www.fnpij.org.br/dados/grupos/o-processo-de-construcao-da-mensagem-telejornalistica-em-sala-de-aula-palavrasom-e-imagem[60].pdf) Acesso em: 30 agos. 2014.
- GERBASE, Carlos. Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação a distância (EAD). *Revista Logos 24: cinema, imagens e imaginário*. Ano 13, 1º semestre, 2006.
- PIAUÍ. Governo do Estado. *Ensino presencial mediado*. Teresina: SEDUC: TV ANTARES: ATI, s/d.
- REZENDE, Jorge de Guilherme. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2000.